



A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E OS DESAFIOS EM TEMPO DE PANDEMIA COVID 19: EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES NO PROJETO “TRABALHANDO VIOLÊNCIA E GÊNERO NA ESCOLA”

SANTOS, Marcone P.¹; SILVA, Lícia S.² CARVALHO, Sônia L.³;

¹Universidade Estadual de Feira de Santana

E-mail dos autores: marconysantos94@gmail.com; liciasilva630@gmail.com; slcarvalho@uefs.br;

Resumo:

O artigo apresenta uma síntese das atividades desenvolvidas na execução do projeto “Trabalhando violência de gênero na escola” em uma escola pública de Feira de Santana, Bahia, considerando a necessidade de reestruturação do planejamento frente aos impactos da pandemia do covid-19. O estudo de cunho qualitativo foi desenvolvido por estudantes, uma representante do movimento feminista e professoras da Universidade Estadual de Feira de Santana, que fazem parte da equipe técnica entre os anos de 2020 e 2021. A metodologia utilizada foi de caráter exploratório através do método da pesquisa-ação. No que diz respeito aos resultados, mesmo com as dificuldades, quanto aos impactos e desafios proporcionados pela pandemia, o projeto desenvolveu atividades como: rodas de conversa, vídeos, palestras, debates temáticos, reuniões de planejamento, publicações, buscando a melhor forma possível de desenvolver a extensão por meio do ensino remoto, das plataformas digitais e redes sociais, cumprindo o objetivo de proporcionar a interação entre a universidade e comunidade escolar, articulando ensino-pesquisa-extensão.

Palavras-chave: Extensão universitária. Pandemia da COVID 19. Violência. Gênero. Escola.

1 Introdução

A extensão Universitária é o pilar da construção do saber acadêmico que articula ensino-pesquisa-extensão, promovendo interação entre sociedade e universidade, com

¹ Graduando em licenciatura em geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.

² Graduanda em licenciatura em geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia.

³ Doutoranda em Ciências da Educação UIP (Universidade Interamericana do Paraguai), professora da UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) e pesquisadora/orientadora no Projeto de Extensão “Violência e Gênero na Escola”.



objetivo de compartilhar saberes mútuos a partir de ações reflexivas que atendam necessidades específicas sociais. Deve-se ressaltar que, a extensão não irá resolver todo problema social, mas é um campo completo que precisa ser mais valorizado, pois dialoga pesquisa, ensino e extensão, realidade que o ensino e pesquisa trabalhados separados não propõem.

Como afirma Castro (2004, p. 14):

a extensão [...] se coloca como um espaço estratégico para promover práticas integradas entre várias áreas do conhecimento, para isso é necessário criar mecanismos que favoreçam a aproximação de diferentes sujeitos, favorecendo a multidisciplinaridade; potencializa através do contato de vários indivíduos, o desenvolvimento de uma consciência cidadã e humana e assim a formação de sujeitos de mudança, capazes de se colocarem no mundo com uma postura mais ativa e crítica. A extensão trabalha no sentido de transformação social.

A extensão universitária é compreendida como um processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e sociedade, conjuntamente entendida como uma via de mão dupla entre saber acadêmico e saber popular (FORPROEX, Apud GADOTTI, 2017, p. 2).

Diante a isso, Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior, Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018, realça através da obrigatoriedade da extensão no Art. 4º, Capítulo I informa que o cumprimento de, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação para as atividades de extensão tipificadas no Art. 8º (programa de extensão, projetos, eventos, prestações de serviços), as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos. Nesse contexto, a extensão vem ganhando espaços, formas e funções que são definidas através do poder de transformação de política, social e ideológica tanto para formação do profissional quanto para os sujeitos de comunidades externas que contribuem para desenvolvimento dos projetos, programas e outros.

Desenvolver o projeto de extensão além do muro da universidade possibilita ao público externo refletir sobre problemáticas sociais levantadas pela academia, ganhando nova perspectiva teórica e metodológica sobre essa dificuldade, pensando nas possibilidades de soluções junto à academia à medida que elas transmitem experiências sobre saberes práticos.

Nesse sentido, trabalhar e compreender o reflexo de uma sociedade que tem como base configurações que acentuam o machismo e o patriarcado, que tentam afirmar o lugar de



dominação do homem e submissão da mulher (SAFFIOTI, 1987, p. 38 apud LIMA *et al* 2020, p. 102) diz que:

A hierarquia e a assimetria de poder na sociedade brasileira se intitulam como a ‘[...] ordem do galinheiro’, onde o homem, por ser homem, define quem tem mais e menos poder na sociedade. Desta forma a cultura patriarcal está na origem da violência de gênero.

Dessa forma, Bourdieu (2012, p. 7) define essa forma de violência como a dominação masculina sobre os corpos femininos, que é exercida pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento. Para Scott (1995, p. 72):

Gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado [...] Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade está palavra tornou-se particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens.

Dessa maneira, é possível destacar que, atribuições de atividades que sejam classificadas como masculino ou feminino, acentua-se o preconceito, a desigualdade social, econômica e política entre os gêneros; seja no mercado de trabalho, no lar e até mesmo dentro das casas religiosas; assim, ferindo ao Art. 5º da Constituição Federal de 1988, no que se diz respeito ao direito de igualdade, liberdade entre as pessoas. Muitas vezes esses papéis previamente estabelecidos pela sociedade, afim de “organizá-la”, colocam as mulheres, e pessoas “afeminadas” em posição de um Ser subalterno, diante a figura do “macho”. Conseqüente a isso, essa forma de dominação, reflete na violência física, psicológica e verbal entre homem e mulher.

Scott (1995, p. 86) define gênero em duas partes inter-relacionadas: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Louro (1995) ressalta que, enquanto historiadores da educação, não podemos ignorar o debate teórico sobre gênero, portanto precisa ser refletido por todos. "Se temos poucos trabalhos sobre a educação de meninas e mulheres, talvez tenhamos ainda menos estudos sobre a formação de meninos e homens" (LOURO, 1992, p. 62 apud LOURO, 1995, p. 108). Introduzir cada vez mais a discussão de gêneros e também de raça e classe nas escolas, e em outros espaços, é um passo importante para reflexão e contribuição significativa na formação dos alunos. Conseqüente a isso, propiciará numa futura geração que respeite às diversidades,



identidades de gêneros, e construam um novo olhar sobre o papel da mulher em nossa sociedade.

Nesse sentido, Freire (1987) propõe aos oprimidos a ação libertadora, pois através da reflexão e da ação a própria independência, assim, a educação emancipadora tem um papel indispensável na vida das pessoas, sobretudo daquelas menos favorecidas socialmente, pessoas estas excluídas por um grupo dominante. A educação é a única ferramenta para libertação do oprimido em relação ao opressor; é a própria emancipação; é a garantia de autonomia; é o direito obrigatório e necessário para transformar as pessoas e estas, mudarem o mundo (PADILHA et al, 2009, p. 10).

Para o (a) estudante extensionista, desenvolver essa atividade agrega benefícios até mesmo na atuação da profissão, pois nos oferece conhecimentos de práticas importantes, que contribuem para nossa formação. Além disso, destaca-se a possibilidade de executar as teorias pesquisadas, enquanto interagem com a sociedade e articula teoria e prática.

Esse trabalho está sendo desenvolvido por membros da Universidade Estadual de Feira de Santana no qual o projeto é denominado: “trabalhando violência de gênero nas escolas” E conta com um bolsista e três Voluntários. A escolha de fazer parte dessa atividade como Voluntários justifica-se por compreender a relevância social do tema e aproveitar das vivências e benefícios que a Universidade pública oferece para formação e construção do conhecimento, desenvolvendo esse projeto nas escolas contribuimos para a formação docente, para a comunidade escolar e para nossa formação pessoal.

A relevância de trabalhar a violência de gênero nas escolas pode ser justificada pelo dado revelado pelo Instituto de Pesquisa Econômica aplicada (IPEA) que entre 2008 e 2018, o Brasil teve aumento de 4,8% de assassinatos de mulheres, só em 2018 totalizando 4.519 vítimas, ou seja, a cada 2 horas uma mulher brutalmente violentada no país. Ainda nesse sentido, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) atualizado em março de 2021, no ano de 2018, enquanto ocorreram 30,4% do homicídios de mulheres em domicílio, para os homens a proporção foi de 11,2%. No entanto, se torna evidente que a parcela de homicídios de mulheres é quase que o dobro da que a dos homens em domicílio.

O município de Feira de Santana possui um alto índice de violência doméstica, no qual houve aumento de 19% de denúncias, principalmente no período da pandemia do covid-19, conforme Jornal Correio da Cidade (2020). Esse é um problema social e de saúde, que atinge a família e, que reflete no ambiente escolar. Por isso, o projeto tem como um dos seus



objetivos visibilizar a cultura da violência de gênero como parte do cotidiano escolar e suas conseqüências para a educação de adolescentes de 11 a 18 anos, como é o caso da escola.

Diante do cenário da pandemia da Covid-19, e a necessidade do isolamento social, o ensino remoto foi à única possibilidade para continuar a executar os projetos desenvolvidos pelos extensionista. Neste trabalho iremos discorrer sobre as experiências e desafios enfrentados pelos voluntários da extensão, para cumprir os objetivos e cronograma de ações e metodologias propostas nos projetos.

2 Metodologia

No contexto da pandemia, diante as resistências que nos foram impostas pelo vírus, em conseqüência do isolamento social, tornou-se viável executar algumas atividades de forma remota, tendo como suporte metodologias aplicadas que envolveram diferentes fases: planejamento, diagnóstico, e a própria intervenção educativa (palestra, roda de conversa, análise fílmica, produções de vídeos) e resultados.

Os projetos de estudo e extensão dos voluntários possuía caráter exploratórios, para o acercamento do tema. Porém, a realização desse artigo tem caráter classificatório descritivo, pois realizamos observação sistemática e comparações de cronogramas e ações realizadas e não cumpridas pelos três voluntários e um bolsista, com objetivo de proporcionar uma nova visão enfrentada na extensão universitária, descrevendo a situação do contexto. Com isso, os dados extraídos do campo de estudo, foram trabalhados em uma abordagem qualitativo. Além disso, a modalidade da pesquisa-ação tem o potencial de readaptação, reformulação e ressignificação das ações. Os instrumentos utilizados para coleta de dados se deu através de palestra e roda de conversa.

A avaliação foi processual e qualitativa, baseada na adesão espontânea dos alunos e toda a comunidade escolar e, dessa maneira privilegiar a fala dos atores sociais, pois, forneceram feedbacks essenciais sobre as ações e para que atingirmos uma melhor compreensão da realidade *factual* do objeto de estudo e neste momento histórico, o planejamento é extremamente flexível e depende do contexto.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de



fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 2002, p. 45);

Com o método pesquisa-ação, foram executadas as intervenções educativas reuniões de planejamento com equipe técnica, Coletivo de Mulheres de Feira de Santana (COMU) e direção da escola, palestra, roda de conversa, análise fílmica, produções de vídeos. Essa base empírica abordada nos projetos estreitou as relações entre objetos de estudos, voluntários e a pesquisa; desfrutamos o privilégio de desenvolver ações ativas, investigadoras na solução de problemas encontrados, ajustados a partir do engajamento sócio político e ideológico voltados para emancipação conscientizadas estudantes e professores do Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Como afirma Thiollent:

[...] pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Nesse processo, a hermenêutica, que tem como objetivo a interpretação de estudos textos, de pesquisas e de fatos que ocorrem no mundo, e nos trouxe a possibilidade de investigação da realidade materializada vivenciada pelo corpo que compõe a escola, assim como foi possível propiciar reflexão mútua sobre a relação teoria e prática ideológicas no contexto escolar e fora dele.

3 Resultados e Discussão

3.1 Contexto da pandemia

A pandemia da covid-19 no Brasil impactou a sociedade em diversos setores, um dos grandes afetados que até o momento não teve aproximação da estabilidade foi à educação, em especial o ensino básico. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o corona vírus, causador da doença Covid-19 e da morte de milhares de pessoas por dia, alcançou o patamar de pandemia no dia 11 de março de 2020. E para prevenção do contágio ao vírus, o isolamento social se tornou uma medida essencial, conseqüência desse fator, foi refletida no fechamento das escolas básicas de ensino.



Dessa forma, o distanciamento social condicionado pela pandemia influenciou diretamente no desenvolvimento das ações descritas nos projetos de extensão. Nesse sentido, houve a necessidade de readaptação de algumas atividades, e ao mesmo tempo em que inviabilizou a execução de outras ações que seriam realizadas na escola Centro de Educação Básica da Universidade Estadual de Feira de Santana, a exemplo da pesquisa direta no *locus* de estudo.

3.2 Como seriam desenvolvido as atividades de forma presencial

Para construção do projeto, no primeiro momento foi pensado em reuniões com membros do grupo de extensão MULIERIBUS (Núcleo de Estudos das mulheres e Relações de Gênero) junto com a escola Centro de Educação Básica da UEFS, no qual seriam realizadas reuniões todos os meses até o fim do projeto, com objetivo traçar estratégias e avaliar as ações desenvolvidas.

Algumas ações importantes foram planejadas para execução: oficinas/palestras para refletir os impactos do machismo na escola e sociedade; oficinas/palestras para repensar o sexismo e machismo através de músicas; oficinas/palestras mural interativo que seria exposto na escola visando sugestões, críticas e comentários sobre a temática de gênero por parte da comunidade escolar. Todas essas atividades são essenciais para estreitar a relação entre sujeitos e objetos de pesquisa favorecendo a reflexão através de conhecimentos acadêmicos e o saber popular para a construção do saber de ambos.

A promoção de oficinas que proporcionem a interação entre alunos, professores e apoiadores da instituição de ensino (merendeira (o), porteiros, secretários) sobre o tema da violência de gênero na escola visa a compreensão estruturada pela interseccionalidade. Esse termo é explicado por Akotirene (2020, p. 19), como uma instrumentalidade teórico-metodológico à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtos de avenidas identitárias, em que, principalmente, mulheres negras são subalternizadas pelos cruzamentos de raça, classe e gênero.

A importância dessas discussões dentro da escola se torna relevante para comunidade escolar, principalmente para os estudantes porque todos estamos no processo de construção, formação e reconstrução todos os dias. Refletir essa forma de violência e ressignificar o conhecimento e as concepções de gênero são importantes, pois nos revela que gênero é



construção social foi desenvolvida em uma sociedade machista, sexista e patriarcal baseada em uma hierarquia de poder.

Portanto, entende-se que as reflexões de gênero e violência devem ser discutidas na escola como papel da educação de forma efetiva. O debate no campo da educação em torno das desigualdades especialmente no que diz respeito à construção das identidades. Trata-se de discutir as relações de poder que se estabelecem socialmente, a partir de concepções naturalizadas em torno das masculinidades e feminilidades (SCOOT, 1995).

3.3 Execução do projeto durante a pandemia da covid-19

A extensão universitária tem um papel primordial na formação acadêmica promovendo o contato de vários indivíduos e contribuindo para a formação do indivíduo. A Universidade Estadual de Feira de Santana tem como tripé de formação, ensino pesquisa e extensão, mas desta maneira, acentua-se o problema da distribuição de bolsas para esta modalidade, pois no edital 0001/2020 PIBEX 352 nomes foram homologados, porém 178 convocados, 120 compuseram o cadastro reserva. Deste total, seis pessoas concorreram à vaga para desenvolver o projeto de extensão “trabalhando violência e gênero na escola”, mas, apenas um pessoa foi contemplada com a remuneração, e 4 desse total, permanecem como Voluntários, por acreditar na importância do estudo de gênero para formação e para contribuição social, diante disso, podemos destacar a falta de investimento nos estudos de gêneros que se tem mostrado tão necessário atualmente. Esse dado nos revela a pouca quantidade de bolsas diante da importância da extensão, para formação do educando e para manutenção do estudante da universidade pública até mesmo no contexto da pandemia da covid-19, pois nem todos os projetos possuem bolsas suficientes para contemplar todos os interessados em fazer parte dessa transformação social.

Destaca-se também que os voluntários da extensão respondem as mesmas responsabilidades do bolsista tais como cumprimentos de horários, entregas de relatórios final e parcial dentre outros. Castro (2004) aponta que a extensão ao longo dos anos foi um dos pilares menos valorizados, apesar de estar começando a ganhar espaço cada vez mais significativos nas universidades. Mesmo diante o percalço, fazer parte de uma extensão é muito valoroso para o currículo e para formação profissional, dessa forma, o número de bolsas deveria contemplar todos os graduandos interessados em desenvolver atividades de extensão, pois, também contribui para não evasão do aluno da universidade.



No contexto da pandemia, e o afastamento de alunos e professores das salas de aulas, implicou algumas ações até hoje se tornaram inviáveis. Com a retomada das aulas remotas no município de Feira de Santana, em março de 2021, para cumprimento do calendário de 2020. Algumas ações do projeto de extensão estão sendo difíceis de serem realizadas devido ao curto tempo do calendário, que terá que ser finalizado no final do primeiro semestre de 2021.

Enquanto resultado, foram produzidos dois vídeos, o primeiro sobre direitos humanos, devido à necessidade de discutir igualdade de direitos assegurados por leis, que na realidade há dificuldades de ser efetivado, isso é perceptível já que segundo dados da Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP-BA), no mês de maio de 2020, o número de feminicídio aumentou em 150% em relação a maio de 2019.

No segundo vídeo, é abordado o curta “Vida Maria” no enredo é possível analisar perspectivas de gênero, classe social e educação. Na trama, a personagem Maria é o símbolo da mulher negra, nordestina, analfabeta e que dedica toda a sua vida as funções domésticas e agrícolas esse ciclo que se repete por várias gerações pelas mulheres da família, inclusive, sendo lhes tiradas pelas próprias mães o direito a educação. Para Akotirene (2020) os papéis domésticos de mãe, esposa e dona de casa tornou-se a construção fundamental da identidade das mulheres em África e acrescento no Brasil Também.

Foram criados *Cards* postados nas redes sociais do CEB, e no aplicativo *instagram*⁴ do grupo MULIERIBUS serviram como interlocutores para atividade do dia 8 de março, em comemoração ao dia internacional da mulher. Sugerimos referências cinematográficas com protagonistas femininas que trazem reflexões diversas sobre racismo, violência de gênero e empoderamento feminino. Dentre essas indicações estão: “Chega de fiufiu”, um filme que acompanha o dia a dia de três mulheres com vidas distintas vivenciando a violência de gênero; O filme “A sufragista”, que retrata a história das mulheres que enfrentaram seus limites na luta por igualdade e direito ao voto. Essas e outras sugestões de filmes e atividades poderão ser encontradas no instagram do grupo MULIERIBUS.

Na roda de conversa realizada pela plataforma *google meet*, com título “o que acontece no BBB21, fica só BBB⁵”. Tivemos como público estudantes do 6º ao 9º ano do CEB. Por ser um assunto presente no dia a dia dos estudantes e por ter ganhado grande dimensão, dos acontecimentos dentro da casa repercutiu aqui fora, assim, serviram de inspiração para ilustrar a discussão usando o exemplo do episódio de racismo, assédio e

⁴ Acesso ao instagram do grupo MULIERIBUS <https://instagram.com/mulieribus.uefs?igshid=eann2dl5rgfl>

⁵ Big Brother Brasil- Reality Show exibido pela rede Globo de televisão.



violência psicológica que aconteceu no programa. A conversa foi muito enriquecedora, pois os alunos da escola, professores e estudantes da UEFS demonstraram curiosidades sobre os temas, interagiram, tiraram dúvidas, demonstraram o que pensam e como agem diante as problemáticas sociais. Dessa maneira, a troca de conhecimentos entre bolsistas voluntários e escola foi de aprendizagem, significação e ressignificação de idéias e preconceitos impostos pela sociedade, bastante visível nos discurso nas falas das pessoas presentes.

Neste sentido, o multiculturalismo crítico estabelece estreita relação entre currículo e identidade que, para McLaren (1997b, p. 123):

[...] o multiculturalismo crítico compreende a representação de raça, classe e gênero como o resultado de lutas sociais mais amplas sobre os signos e significações e enfatiza [...] a tarefa central de transformar as relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são gerados.

Também construímos um bate papo via *Google meet* para a comunidade do CEB sobre relacionamentos abusivos, tema bem pertinente nas discussões atuais com a colaboração de um convidado, o professor e terapeuta Tiago Lucena e os membros que constroem o projeto de extensão. As relações violentas e abusivas são majoritariamente de homens contra mulheres, mesmo que haja a possibilidade de acontecer o inverso, e isso acontece devido à hierarquia de poder construída na sociedade. Arendt (1985) diz que a violência vai surgir como o último meio para o mantimento do poder sobre o outro, essas relações abusivas são sustentadas devido a essa questão onde o abusador sente-se mais forte que o sujeito abusado. Houve uma interação com perguntas e levantamento de questionamento no geral foi uma discussão bem proveitosa.

4 Considerações Finais

Percebemos a importância da extensão para o estudante da graduação em sua formação e para comunidade como um todo funcionando como um elo entre universidade e sociedade; é nesse sentido, que o projeto de extensão trabalhando violência e gênero nas escolas objetiva promover uma reflexão sobre gênero dentro das instituições e suas interseccionalidade já que, é tão necessário desenvolver esse tema devido ao aumento de caso de violência durante esse período de isolamento social condicionado pela pandemia da Covid-19.



Mesmo com os impactos e desafios proporcionados pela pandemia do covid-19, o projeto está caminhando, buscando desenvolver-se de maneira virtual, cumprindo o objetivo de proporcionar essa interação com a comunidade escolar e sendo possível a articulação entre ensino, pesquisa extensão, desta maneira, também respeitando as medidas de isolamento social.

Apesar dos desafios para a execução do projeto, para nós enquanto voluntário foi uma grande experiência tanto para formação acadêmica e enquanto indivíduos. Poder trabalhar temas como gênero e suas interseccionalidades com os estudantes de ensino fundamental é conseguir executar um dos princípios da extensão que é trocar experiências e os conhecimentos da universidade para além dos seus muros.

5 Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaia, 2020.

AGENCIA IBGE. *Estatísticas de Gênero: ocupação das mulheres é menor em lares com crianças de até três anos*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30172-estatisticas-de-genero-ocupacao-das-mulheres-e-menor-em-lares-com-criancas-de-ate-tres-anos>. Acesso em: 28 abr. 2021

ARENDT, H. *Da Violência*. Brasília: UNB, 1985.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3519-atlasdaviolencia2020completo.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. *Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018*. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877808. Acesso em: 04 abr. 2021.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. Reunião anual da ANPED, v. 27, p. 1-16, 2004. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. *Instituto Paulo Freire*, v. 15, 2017.



GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projeto de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

LIMA, Tatiane de Lucena; CARVALHO, Sônia Lima de; SANTANA, Neide de Assis. Violência de gênero na escola pública: uma experiência extensionista no contexto universitário da UEFS, Bahia. *Expressa Extensão*, v. 25, n. 1, p. 99-113, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 27 abr. 2021

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICA DE SAÚDE. Organização Mundial de Saúde. *COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)*. Folha Informativa, 6 abr. 2020. Disponível em:
https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 29.abri. 2021

PADILHA, Paulo Roberto et al (Org.). *50 olhares sobre os 50 anos da Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

UEFS. *Cartilha Bolsista Pibex*. Disponível em:
<http://proex.uefs.br/arquivos/File/CARTILHABOLSISTAPIBEX.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.